

O CACTO NÃO CRESCER

O cacto não cresceu

MARCUS VINICIUS SANTANA LIMA



© Moinhos, 2017.

© Marcus Vinicius Santana Lima, 2017.

Edição:

Camila Araujo

Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

L732o

Lima, Marcus Vinicius Santana | O cacto não cresceu

ISBN 978-85-92579-53-1

CDD 869.91

Índices para catálogo sistemático

1. Poesia 2. Poesia Brasileira I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2017 | 76 p. ; 21 cm

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Belo Horizonte — MG

Sumário

A vontade da carne, 15
Capela, 16
Câmara de pó, 17
O Feto, 18
Terra fruta da calma, 19
Bukkake no engenho, 20
Retrato aquarela, 21
Metrô, 22
Ramas, 23
A germinação, 24
Tudo vê, 25
Manifesto infantil do uso ou o terreiro da roça, 26
Cerração, 27
Felicidade, 28
Rosa, 29
Se calhar, 30
O signo da mácula, 31
Desvestir-se, 32
Voo, 33
Farás sempre quando certeza não tiveres, 34
A barra do dia, 35
Mantra que planto em casa, 36
Passagem, 37
O balanço da árvore, 38
Vaqueiro olha o rio, 39

Efeito, 40
O verbo na sombra, 41
A batalha, a pedra, a mágoa, 42
Insero, 43
Poeta, 45
A trave, 47
Poema des-concreto, 49
Lá fora o sol, 50
Braçadas, 51
Ferrolho, 53
Assenhorear-se, 54
O significado da lira, 57
Gravador, 58
O mar, 60
Pedreira, 62
Carteiro, 63
A espera, 64
Patrimônio, 65
Poema do nome, 66
Jornal das Oito, 68
A Vociferação do Canário, 70
Maragogi, 73
Parapeito não recebe vento, 74
Casa Grande, 75

*A Hortência, por levantar esta porta comigo
e medicar meu cansaço.*

*A Francineide e Ivanildo,
por me banharem em cacimbas.*

*A Genésio e Osvaldo, em memória,
pedreiros dessas cacimbas e pastores da terra.*

*O homem de lata
sofre de cactos
no quarto*

Manoel de Barros

*em meu coração tem um pássaro
que quer sair*

Charles Bukowski

*era um domingo de lua
quando deixei Jatobá*

Geraldo Azevedo e Carlos Fernando

eu demorei para a poesia
aí a poesia não me demorou mais

Espero que o cacto flutue entre os móveis de sua casa,
abastecendo de luz verde a sonoridade de teus passos.

A vontade da carne

a luz da tarde
clara, angular e vazia
esconde pela metade
a idade
da estragada carne macia

depois que vai o sol veloz
assediar salgados mares
chega-me outra luz
lunar
amaldiçoar as sujas vontades.

Capela

entrem em minha casa
atravessem a linha da porta
na mesa estão os pães, uvas e cascas,
desmembradas,
são as sobras
do antigo testemunho
da menina morta.

Câmara de pó

câmara de ar e sangue
centelhas prisioneiras
guardada por um negro dândi
a sonhar asperezas

câmara de pó e dúvidas
casa de assombros
cadeados fazem-lhe dutos
por onde bichos noturnos

multiplicam-se

câmara de saúde e doenças
estaleiro de fé
onde se exprimem vozes roucas
a professarem o santo da sé

câmara das virtudes e dos desejos
casa de trôpegos bêbados
é em si clarões e lampejos
de monges meeiros

penitenciando-se

câmara sazonal do medo
geografia dos delírios
onde se constroem olarias
vagões carbonizados para precipícios.